

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 20 de dezembro de 2017**

*Texto de referência: J. Carrón, No início não foi assim!, Página Um, Passos, Novembro 2017.*

- *Balada da Caridade*
- *Be Thou my vision*

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

**Carrón:** Boa noite a todos os presentes e os conectados via internet. Como trabalho para este mês, propomos a verificação de como vivemos o nexos entre o conteúdo do texto do Dia de Início de Ano e os gestos da Coleta de Alimentos e das Tendas da AVSI, e como respondemos às necessidades encontradas, para o bem de todos. Chegaram algumas perguntas de pessoas que não entenderam com clareza qual é a relação entre os gestos e a fé. Os gestos não foram percebidos como expressão da origem que é a fé, da qual nasce a novidade. Por isso, esperamos que, através das colocações desta noite, possamos ir embora com um pouco mais de clareza sobre esse ponto, ouvindo as experiências de alguns de vocês.

**Colocação:** *Na última Escola de Comunidade você sublinhou de modo claro que os gestos que nos esperavam fossem vividos a partir do texto do Dia de Início de Ano. Quando você disse isso pensei que era a mesma coisa de sempre (mas não de modo crítico), porém, disse a mim mesma: por que, desta vez, ele está dizendo de modo tão explícito?*

**Carrón:** Você entende por quê?

**Colocação:** *Sim.*

**Carrón:** Porque não é tão imediato para as pessoas.

**Colocação:** *De fato, parei para pensar a respeito e percebi que para mim é óbvio que há uma comparação entre a minha vida e a Escola de Comunidade; é claro na teoria, mas, depois, na realidade, não incide na vida. Por isso, fiquei triste ao ver que, embora fazendo – mesmo não muito fielmente – a Escola de Comunidade, toda a comparação consiste em um esforço meu para encaixar aquilo que vivo naquilo que você ou Giussani dizem, e vice-versa. Poucas vezes entro na vida – em casa e no trabalho – partindo do que li e vi na Escola de Comunidade. Normalmente é um esforço meu, tentando forçar uma conexão entre o que me aconteceu e o que tento seguir. Na maioria das vezes, minha experiência cotidiana é de instintividade e emotividade, e isso me machuca porque a vida é uma só, é breve, e eu vejo pessoas que, ao contrário, são impelidas pelo encontro com Cristo e deixam que cada detalhe afirme esse relacionamento. Por exemplo, domingo fui participar das Tendas de Natal. Sentia vergonha de parar as pessoas, não tinha vontade; na verdade, a única coisa que fiz foi comprar algumas coisas que eram vendidas nas barracas, porque não tinha vontade de anunciar as Boas Novas e me envolver com essa iniciativa. Porém, fui, porque me faz bem estar em um lugar que nos ajuda a dar gratuitamente algo para fazer memória de Jesus. No entanto, às vezes me pergunto o que o Movimento me traz, se me tornei um pouco morna e sem entusiasmo; no fundo, desejo amar Jesus, no entanto frequentemente estou triste porque vivo sem Ele. Mesmo em momentos ricos me sinto vazia, e não porque os gestos não sejam adequados. Sou incapaz de aderir como gostaria, de demonstrar meu afeto como gostaria; então me pergunto quem sou eu e pelo que vivo, e também me pergunto onde está o meu erro. Preciso de uma hipótese que me faça olhar com tranquilidade e paz também para estes momentos. Então, lhe pergunto: o que sustenta você – se isso acontece – quando parece que a fraqueza e o cansaço prevalecem sobre o resto?*

**Carrón:** Quem pode responder a ela? A resposta não pode ser simplesmente uma explicação (que, depois, também podemos dar), mas o reconhecimento de algo que acontece.

**Colocação:** *No último encontro senti-me literalmente chamada pelo nome. Quando isso acontece, para mim é inútil fugir, porque quando Jesus bate à porta desse modo é melhor se render logo. Assim, comecei o meu turno da Coleta de Alimentos pensando nisso, porém, esqueci logo depois. Notava apenas que a experiência deste ano estava sendo diferente, porque estava em um lugar que me permitia olhar as pessoas no rosto sem aquela pressa por ter que fazer algo, porque sentia que isso não me bastava. Depois, aconteceu um fato: enquanto tentava entregar a sacola a um senhor, convidando-o a participar da Coleta, ele começou – desculpa a expressão – a vomitar toda a sua raiva pela sociedade, pelo governo, pelos sindicatos, pelos imigrantes; não parava de falar. De repente, percebi que, em relação ao ano passado, não era o lugar que estava diferente, mas era eu que estava me tornando diferente, porque inesperadamente me vi olhando para aquele homem como o detento – de quem você falou na última vez – olhou para os guardas: não me afastei, mas o escutei até o fim. Podia só lhe fazer companhia ao invés de fugir, justamente porque sou olhada assim todos os dias. Sentia que pouco a pouco sua raiva diminuía e isso foi possível por uma intervenção sobre-humana. Também falei a ele sobre o Centro de Solidariedade porque, entre outras coisas, tinha perdido o emprego, e pedi ajuda a outra pessoa que estava ali comigo para aprofundar um pouco a questão. Depois voltou-se para mim, ainda tentando resmungar, mas concluiu dizendo: “Irei ao Centro de Solidariedade da minha cidade, conheço vocês”, e sorriu. Sua expressão tinha mudado, e a minha também, porque quando Jesus acontece, nos muda, e é impossível não reconhecer os detalhes. Sobre as Tendas de Natal, ainda tenho nos olhos e no coração a experiência de bem que foram as Tendas do ano passado. Estava completando 50 anos e não queria fazer uma festa banal; foi o olhar de um amigo, cheio de certeza e apoiado sobre a rocha, Jesus, que me moveu. Ela vivia um momento realmente difícil, e meu aniversário tornou-se um gesto onde o presente era uma oferta à AVSI, porque eu já havia recebido o cêntuplo. Este ano, tenho uma ideia que não sai da minha cabeça e tenho certeza de que é presente de um Outro. Agora vamos ver quais sinais me dá, porque será a realidade, que é Sua, que me fará ver se será possível fazer o que penso e se será para o bem de todos. Agradeço a você porque continua nos ajudando neste caminho de retorno à origem.*

**Carrón:** Como você responde à pergunta da primeira colocação? O que surpreendeu você?

**Colocação:** *A surpresa foi ter sido mudada por um fato, um fato que me revelou Ele, que acontece e me muda.*

**Carrón:** Perfeito. Não somos pessoas para as quais o cristianismo é algo gerado por um esforço nosso, não somos nós que criamos o fato. Você participa de um lugar e a primeira coisa que lhe surpreende é que se sente diferente. Participando deste lugar, com o tempo, segundo um desígnio que não é o nosso, todos nos descobrimos diferentes. Trata-se de uma diversidade que percebeu em você não como fruto de um esforço titânico que realizou, como um êxito de não sei qual exercício. Mas percebeu em você uma Presença (o ponto de partida do cristianismo não é o esforço, mas um acontecimento) que, como aconteceu com o detento, fez com que você olhasse para aquela pessoa que jogava sobre você toda a sua raiva, fez com que não a ignorasse, mas a escutasse. De onde nasce esse modo de estar diante do outro? Não de você (“podia só lhe fazer companhia ao invés de fugir, justamente porque sou olhada assim todos os dias”). A pessoa se vê totalmente surpreendida pela modalidade diversa com a qual reage diante das provocações da realidade: “Sua expressão tinha mudado, e a minha também”. A partir disso lhe veio a ideia de fazer da festa de aniversário um gesto – recolher doações para a AVSI – que nasce exatamente dessa sua superabundância. É fruto de ter mantido o foco sobre o seu esforço? Não, é pela surpresa de uma novidade que a pessoa encontra em si e que se comunica através daquilo que faz. Por isso, devemos estar atentos quando participamos dos gestos que propomos, para perceber os dados que emergem na experiência.

**Colocação:** *Não participei do Dia da Coleta porque estava com febre. Quando minha mãe voltou do trabalho com as sacolas de compras, me disse que tinha encontrado uma amiga minha no supermercado. Fiquei surpresa por terem se encontrado neste supermercado, porque é longe da casa dela. Assim, lembrei-me que a Coleta estava acontecendo. Tinha me esquecido e não tinha contado à minha família. Mesmo assim, pressionei minha mãe: “A senhora comprou alguma coisa para a Coleta?”. Ela não me respondeu. Estava para sair, mesmo estando doente, quando ela me disse: “Não vá, olha, acabei dando alguma coisa”. Espantada, perguntei: “O que a senhora comprou?”. “Um monte de coisas”. Isso me tocou muito: “Mas, mãe, bastavam dois pacotes de macarrão, a senhora não precisava comprar todas estas coisas!”, até porque minha mãe é sozinha e tem três filhos para sustentar. Ela me disse: “Quando entreguei a sacola, sua amiga também me disse: ‘É muito!’. Fiquei comovida quando ouvi isso porque, na verdade, o que é muito é todo o bem que recebi, tudo o que Deus me deu. É isso que é muito!”. E, depois, me disse: “Durante todo o trajeto de volta para casa senti vontade de chorar, e também agora, enquanto você me diz isso”. De fato, estava comovida. Isso me tocou muito, porque – antes de mais nada – eu trato as coisas, os gestos, como se bastasse colocar sobre eles um x para pensar que já cumpri com a obrigação; e, de fato, eu lhe disse: “Bastavam apenas dois pacotes de macarrão”. No entanto, minha mãe, com sua simplicidade, com tudo o que é, estava diante de uma presença, diante de uma amiga minha, de uma proposta, dando tudo o que podia, grata e consciente da minha e da sua história. Também me disse: “Se pudesse, teria dado tudo”. Ficou em mim uma pergunta: o que quer dizer dar tudo?*

**Carrón:** Esta será a próxima descoberta que você e sua mãe farão. Mas, enquanto isso, para começar a responder: por que para explicar o que aconteceu você precisou, ou sua mãe precisou, tomar consciência da origem? Qual era a origem?

**Colocação:** *A sua história.*

**Carrón:** Ou seja?

**Colocação:** *Tudo o que recebeu.*

**Carrón:** E o que ela recebeu?

**Colocação:** *Muito. Recebeu a mim.*

**Carrón:** Quando você a pressionou, para poder explicar um gesto tão generoso – digamos – que realizou, sua mãe precisou se reportar à origem: “O que é muito é todo o bem que recebi”. Percebeu em si a origem, não separou seu gesto generoso da origem; foi a origem que gerou aquele gesto generoso.

**Colocação:** *Recentemente fiz uma viagem de trabalho, e fiquei pela cidade por mais dois dias para encontrar alguns amigos do Movimento, que me convidaram para ir com eles ao presídio onde fazem caritativa. Eu disse sim. Como sou músico, pensamos em fazer um gesto usando também a música. Improvisamos um concerto e levamos um piano até o presídio. Foi muito bonito ver os guardas prepararem o local, transformando-o em uma pequena sala de concerto construindo até um pequeno palco. Era evidente que era uma novidade também para eles. Enquanto íamos de carro para a prisão, meus amigos me disseram: “O encontro será com detentos protegidos”. Não sabia o que significava e me disseram que eram pessoas que cometeram delitos tão graves que se estivessem junto com os outros presos, os matariam. Escutando os detalhes de seus crimes, me perguntava: o que devo tocar para eles? O que devo dizer? Como devo acolhê-los? O que tenho para oferecer? Por um lado, não queria julgá-los, reduzindo-os aos erros que cometeram. O que eu sabia de suas vidas e de seu passado, se tinham sido amados e por quem? Por outro lado, os erros deles não eram poucos e não podia ignorar as consequências de seus atos sobre suas vítimas. Não sabia bem o que dizer, o que fazer. Então, pensei: preciso olhar para Jesus. E, naquele momento, olhar para Jesus significava olhar para as pessoas que Jesus colocava na minha vida naquele instante, aqueles que estavam ali comigo no carro. Então, pensei: se os meus pecados, os meus erros se tornassem públicos, como eu gostaria de ser olhado? Quero ser olhado exatamente como já sou olhado, quero ser amado como já sou amado! Deus já me abraçou em muitos momentos, em muitas ocasiões como eu desejo; eu já tenho tudo. Então, comecei a rezar pedindo a Deus: ensina-*

*me a amar e a acolher os detentos como Tu me amas. Quando cheguei à penitenciária, os detentos não pareciam mais apenas detentos mas já eram meus irmãos. Cumprimentei um por um com um abraço, e também beijei cada um. O que me aproximava deles era reconhecer neles a mesma necessidade de serem amados que eu tenho. Comecei o concerto. Todas as músicas que escolhi falavam do coração em seus diferentes aspectos: a solidão, a felicidade, o desejo de ser perdoado, a saudade; todas coisas que interessam a mim e também a eles. No fim do concerto compartilhamos a experiência feita e alguns detentos se colocaram. Foi muito emocionante para mim. Um deles disse: “Podemos ver que você é feliz e que não tem medo do sofrimento”. Outro disse: “Todos vêm aqui com uma etiqueta: o educador, o padre, o advogado, o policial; hoje, esperávamos o pianista, mas de repente, assim que você nos cumprimentou pessoalmente, entendemos que você tirou a etiqueta e se sentou entre nós”. Outro, ainda, disse: “Os muros dessa prisão são o símbolo da minha tristeza, mas neste tempo que passamos juntos pareceu-me que esses muros não existiam mais, assim como a minha tristeza”. Por fim, outro me disse: “Durante esta hora, pensei muito em minha mãe, em suas últimas palavras antes de morrer, dirigidas a mim e a meus irmãos: ‘Parem de dizer a Deus quão grande são seus problemas e pecados, e comecem a dizer a si mesmos e aos seus pecados quão grande é Deus!’”. Voltei para casa sentindo-me estranho, não sabia o que dizer, experimentava um silêncio estranho. Era um silêncio que me impedia de falar. Sou musicista e, então, compus uma música para não me esquecer dessa experiência.*

**Carrón:** Você queria tocá-la esta noite, mas não pudemos trazer um piano...

**Colocação:** *Foi como ir à caritativa: aquela experiência era, antes de mais nada, para mim, e não para eles.*

**Carrón:** Perfeito. E não por um esforço, mas por voltar à origem. Não sabendo como olhar para eles, você decidiu olhar para onde Jesus se tornava presente. Exatamente como fez Jesus, que não podia olhar para aqueles que estavam diante d’Ele, rindo porque não podia descer da cruz, de fora do Seu relacionamento com o Pai. É impossível fazer um gesto assim sem a origem, sem toda a origem presente. Depois disso você precisou tomar consciência de si: pensando no seu mal, nos seus erros, precisou reconhecer que gostaria de ser olhado como era olhado naquele momento. E isso fez com que percebesse ainda mais a urgência de pedir a Deus para lhe ensinar a amar e acolher os detentos como Deus o ama e, assim, você os tratou não como presos, mas como irmãos. Foi isso que o encheu de silêncio. Foi um gesto que tinha dentro, unido, tudo. Sem esse gesto não teria sido ajudado a fazer memória. Diferente de apenas voluntarismo! Pense que bem isso significou para aqueles detentos, não apenas terem escutado sua música. Como devem ter se olhado depois, a partir do seu gesto!

**Colocação:** *Na manhã do sábado da Coleta, eu e minha mulher fomos ao supermercado fazer compras. Entramos e logo fomos abordados por quatro meninos com colete, panfletos, sacolas, que diziam: “Senhor! Senhor!”. Eu já estava pronto para dizer: “Calma, calma! Já conheço, já sei do que se trata”, etc. Mas eles não me deram tempo, então comecei a rir, um pouco surpreso com o ímpeto deles, e cedi: “Tudo bem, vamos participar a Coleta”. Assim, entrei no supermercado pensando: claro, têm 13, 14 anos, por isso têm todo esse entusiasmo! Cinquenta metros depois, no corredor das massas vejo uma senhora idosa rodeada por três meninos e, entre eles, um todo entusiasmado, com as bochechas vermelhas, dizendo: “Então, senhora, como já lhe disse, é só colocar as mercadorias nessa sacola, depois nós pesamos, separamos e enviamos”. Mas a senhora não o escutava, tinha os olhos literalmente arregalados, olhava para ele e o devorava com os olhos. A velha senhora o olhava tão no fundo que ele parou: “A senhora entendeu?”. Ela tinha entendido muito bem, e como! Olhava para algo que não lhe parecia verdadeiro, de tão verdade que era, de tanto que a invadia. E também me invadiu. Talvez tivesse pensado em seu filho, em seu neto que eram daquele jeito, ou talvez desejasse que fossem assim; talvez pensasse em quando era menina ou em quando tinha encontrado algo tão excepcional, ou talvez em como tinha buscado isso durante toda a vida e agora estava ali: o que sempre tinha buscado estava ali diante dela,*

*falando com ela. Não sei como, mas tenho certeza de que aquela senhora percebia que algo imenso movia aqueles jovens, os fazia ser tão vivos, tão presentes, os mesmos que talvez dois dias antes, depois de duas horas no videogame tivessem os olhos sonolentos e os braços caídos, mas, naquele momento, não. Terminamos as compras e estávamos no caixa. Na nossa frente havia um sul americano pagando uma compra pequena. Depois de pagar, separou duas pequenas caixas, colocou-as em uma sacola amarela que entregou aos meninos da Coleta. Pensei: então, não é apenas sentimento, pois nos toca até no aspecto econômico! Terminando as compras, fomos ao mercado que fica próximo, onde compramos frutas e peixe, e chegamos à banca de um conhecido, um peixeiro de quem compramos há muitos anos. Assim que cheguei, me disse: “Vamos até o bar, estou aqui desde às cinco da manhã, assim, pelo menos descanso um pouco”. Fomos. Enquanto bebíamos algo, lhe contei sobre o que acontecera meia hora antes e mostrei o panfleto que os meninos tinham colocado no meu bolso. Ele me disse: “Pois é, que vergonha, que nojo, que pobreza há em volta!”. “É verdade, mas você precisava ver, precisava olhar para os olhos daqueles meninos”. Então, ele me perguntou: “Eles conseguiram arrecadar alguma coisa?”. “Acredito que hoje, em toda a Itália, deverão ser arrecadadas toneladas de alimentos. Atrás dos caixas havia quinze caixas cheias”. E ele, que é um verdadeiro trabalhador, entendeu na hora, ficou impressionado e me perguntou: “Por que as pessoas doam? Como isso é possível?”. Depois de um instante de silêncio, eu disse: “Porque as pessoas têm coração”. E ele ficou repetindo, para si mesmo: “Imagina! As pessoas têm coração, as pessoas têm coração”. Pagamos, saímos e, enquanto voltávamos para sua banca, depois de um instante profundo de absoluto silêncio, se voltou para mim, sério, e disse: “Eu também tenho coração!”. “Claro”, respondi, quase para me defender do seu ímpeto. Quando chegamos, foi para trás do balcão, conversou com a família, depois me chamou de lado, colocou um dinheiro em minhas mãos e disse: “Hoje, quando você for lá, compre algumas coisas para eu doar também”. À tarde, com este acontecimento nos olhos, fui fazer o meu turno na Coleta, desejando que fosse para sempre. Nos dias sucessivos estes fatos continuavam em mim, trazendo-me a razão daquela manifestação e perturbando (de modo positivo) a terra do meu coração. E, de manhã, lendo rapidamente o Cartaz de Natal que afixei na porta de casa, sentia-me contente enquanto lia: “A nossa esperança está em Cristo, nessa Presença que, mesmo distraídos e esquecidos, não conseguimos mais tirar – pelo menos não até a última migalha – da terra do nosso coração, graças a toda a tradição dentro da qual Ele chegou até nós”. Com este coração estou esperando a Sua chegada, o Natal, como o Inominado, diante da Sua porta, oferecendo a minha necessidade e a dos meus amigos fraternos, invocando-O, esperando-O. Quanto mais Ele se aproxima, mais percebo quanto o coração precisa d’Ele. Quanto mais Ele está próximo, presente, mais percebo a minha necessidade, da qual, de outro modo, sentiria vergonha, rejeição ou até desespero. Quanto mais Ele se aproxima, está presente, mais percebo o meu coração. Feliz Natal.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Outra noite, na Escola de Comunidade, o responsável nos perguntou insistentemente: “O que significa, para vocês, reconhecer Cristo? Ninguém deve sair daqui hoje sem responder a isso”. Vendo que falava tão sério, eu também precisei levar isso em conta. Para responder, preciso contar um fato – já que, para mim, essa é a pergunta de uma vida –. Numa noite, voltei para casa depois da caritativa (levo uma cesta básica para uma família necessitada) e comecei a contar a meu marido como tinha sido (naquela noite as coisas não tinham ido particularmente bem), comecei a falar sobre os questionamentos que tenho em relação às injustiças que vejo nas famílias, sobre o que nos dizem, sobre como estão e como naquela noite estava com pressa e não disponível a estar com eles, a encontrar aquelas pessoas. A um certo ponto, ele me disse: “Realmente tenho sorte de viver com você, você não perde nenhum particular dos seus dias, pede o máximo e sempre faz o máximo, nunca se satisfaz e se deixa interrogar por tudo o que lhe acontece. Para mim, isso é invejável, eu também gostaria de viver como você”. Naquele momento senti uma ansiedade e uma sensação de sufocamento inacreditável, como se fosse esmagada pelo reconhecimento das minhas*

*capacidades e atitudes, como se tudo estivesse em minhas mãos e dependesse da minha coerência e da minha maior ou menor capacidade. Tudo isso era insuportável e me sentia realmente mal. Estava surpresa com essa descrição de mim mesma (eu não percebo que vivo assim), faltava algo, era como se fosse o retrato manco de mim e, então, disse a ele: “Olha, a capacidade não é minha, sou assim porque encontrei Jesus que mudou a minha vida e me faz olhar tudo do modo que você diz ser tão desejável e invejável. A companhia do Movimento torna isso vivo diante de mim e me torna viva”. Naquele momento entendi o que quer dizer, para mim, conhecer Cristo na experiência: não significa conhecer uma pessoa externa à minha vida, diferente de mim, de meu marido ou de minha filha, mas significa reconhecê-Lo como verdade de mim mesma, porque não posso pensar em mim, em como vivo, nas coisas que faço, nas perguntas que tenho, sem Ele. Atenção: não “sem pensar n’Ele”, mas justamente “sem Ele”, porque não é uma coisa que vem depois, como dizer que há eu, com aquilo que sei fazer, aquilo que digo, que há o meu eu e, depois, há também Jesus. Não, eu não posso dizer “eu” sem Ele. Este é o grito que saiu das minhas entranhas quando disse a meu marido que eu não sou as minhas capacidades, porque, como diz o título dos últimos Exercícios, “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives”.*

**Carrón:** O que quer dizer, na nossa experiência, conhecer Cristo? É uma pergunta que é preciso deixar aberta, porque no Dia de Início do Ano ouvimos Dom Giussani dizer que justamente por nos afastarmos do entusiasmo por Cristo atendo-nos a uma “tradução cultural” nossa da fé, a consequência – desde que li não sai da minha cabeça – é que “nós não conhecemos Cristo” (p. 21 / VII). Por isso é muito importante que deixemos aberta essa pergunta e que a partir de hoje até os Exercícios da Fraternidade façamos como você fez hoje: não se trata de “pensar” no que significa conhecer Cristo – fazendo dele objeto de um discurso abstrato –, mas de “ver” onde e quando conhecemos Cristo. Depois de ter feito esta verificação, vocês podem enviar suas contribuições para ajudar todos nós a responder a esta urgência à qual Dom Giussani nos lançou. Porque senão, o tempo da vida passa sem que O conheçamos e tudo se reduz a um esforço, a algo que nós precisamos fazer, ao invés de alcançar aquele reconhecimento que a sua Presença torna possível. Porque reconhecê-Lo é a “verdade de mim”, você disse, não é algo que vem depois. Não há primeiro o meu eu e depois Jesus, como se fosse algo acrescentado: “Não posso dizer ‘eu’ sem Ele”. É preciso conhecer Jesus a partir da própria experiência, porque o ponto de partida é o Acontecimento que está se dando em você. Dar-se conta disto é o que torna a vida uma outra coisa. E é exatamente com este olhar, com esta experiência, que agora podemos olhar para o Cartaz de Natal.

**Colocação:** *A primeira vez que vi o Cartaz, logo me veio uma pergunta: mas, onde está Jesus? Esta mesma pergunta, ouvi alguns amigos fazerem, algumas vezes até de modo polêmico, com um pouco de superioridade. A primeira coisa que me marcou foi que esta mesma pergunta, que para alguns era uma objeção, para mim, ao contrário, foi uma mola que me levou a dar um passo: reconheci que esta pergunta é a minha pergunta: onde estás? Onde estás, Jesus? Mostra-te na minha vida, no meu dia, agora, na minha realidade, não no meu passado. Preciso que Tu te faças ver agora, desejo que Tu te faças ver agora. E isso é maravilhoso. A mesma pergunta pode descrever duas posturas diferentes. Uma pessoa pode dizer: “Onde está Deus? Não está aqui. Tudo bem, caso encerrado. Não O vejo, não está aqui e, portanto, basta. Que Cartaz de Natal é este sem a imagem de Jesus?”. Ou, pode ser o que leva você a ir além. A outra coisa que me marcou é que esta pergunta é o título do seu último livro, “Onde está Deus?” (Ed. Piemme 2017, Itália, ainda não disponível em português). Percebi que o li deixando de lado o ponto de interrogação, como se dissesse: tudo bem, agora Carrón vai me explicar onde está Deus; assim, o problema vai ser resolvido e não será preciso mais pensar a respeito.*

**Carrón:** E assim vocês perdem o melhor, porque o melhor é o que vocês escutaram nas colocações desta noite. Precisam ver onde está Deus, cada um de vocês precisa ver isso, não sou eu que devo dizer no lugar de vocês.

**Colocação:** *E me deu vontade de ler o livro novamente, porque eliminar a pergunta é algo que me mata, eu não sei fazer mais nada.*

**Colocação:** *Quero lhe agradecer pelo percurso que está nos levando a fazer desde o Dia de Início de Ano. Estou em um momento da vida em que, mesmo vivendo circunstâncias bastante dramáticas, estou fazendo um caminho inesperado, que está me mudando. Parece que nestes meses você decidiu insistir exatamente sobre coisas que o meu coração precisa desesperadamente neste momento. Conto um episódio que me fez entender a importância desse trabalho. Recentemente alguém criticou o Cartaz de Páscoa dizendo que era uma demonstração de que CL está à deriva, porque no lugar de Jesus, o cartaz mostra refugiados. Ouvi também meus amigos fazerem a mesma crítica, quase de modo maldoso, dizendo: “É verdade, é o Cartaz de Natal, mas não mostra Cristo”. Como se dissessem: “Carrón se esqueceu de alguma coisa! Eu percebi, mas ele não, se esqueceu de Jesus no Natal”. Durante uma conversa sobre esse tema, pulei da cadeira e disse: “Como não há Jesus?! Pessoal, olhem para ele! Se Jesus não está neste cartaz, Jesus também não está na sua família, no seu trabalho, no seu grupo de Fraternidade, não está entre nós esta noite. Se Cristo não está neste Cartaz, não está em nenhum lugar!”. Parece-me que se precisamos necessariamente que no Cartaz de Natal haja, por exemplo, um quadro de Giotto, para dizer que Jesus está ali, então quer dizer que Jesus, na verdade, não é algo que acontece na nossa vida, nas coisas materiais da nossa vida, não é um companheiro tangível em cada minuto do nosso dia; é algo muito sagrado, mas muito distante de nós. Eu, porém, tenho vontade de dizer: “Obrigado”, realmente obrigado por esse Cartaz, porque me parece que o tema a que você nos conduz através do Dia de Início de Ano (às vezes parece que você nos carrega), o tema que nos apresenta é de tal modo fundamental que nos ofereceu até o esquema para entendermos melhor. No fim das contas, para mim o Cartaz é como o esquema sintético do Dia de Início de Ano, tanto que alguém pode olhar para ele e dizer: “É isso!”. Quando olho para a foto do Cartaz vejo a fotografia da minha vida, dos meus dias e – caramba! – Jesus está lá! Jesus acontece, e como! Mais, é só porque Ele existe e acontece que ainda estou de pé. Digo isso com conhecimento de causa, porque vejo isso. Na última Escola de Comunidade uma menina dizia: “Somente se faço este trabalho, Jesus pode se tornar familiar a mim: esta é a urgência mais premente que tenho, a coisa de que mais preciso”. Para mim é exatamente assim. Estou entendendo que a contemporaneidade de Cristo, o Seu recontar agora, é a coisa pela qual quero consumir até o último grama das minhas energias. Realmente tenho necessidade disso mais do que a cura se eu estivesse doente, mais do que a água se estivesse morrendo de sede. E a sua insistência sobre a contemporaneidade e sobre o agora é o que está me fazendo ver a diferença entre ter isso claro – porque está claro teoricamente – e vivê-lo na minha carne. É o que está me salvando da teoria e está mudando fisicamente, materialmente, a minha vida, porque é como você dizia: o acontecimento é justamente algo que ainda não sabemos. Percebo que é graças a esse trabalho a que você está nos conduzindo que posso olhar para o Cartaz do modo como descrevi, e gostaria de lhe dar um forte abraço de gratidão pelo modo como nos quer bem. Se eu não fizesse este caminho, provavelmente estaria entre aqueles que torcem o nariz por não ser um quadro de Giotto. Então, obrigado. Eu lhe quero bem como se quer bem a um pai.*

**Carrón:** Nós decidimos o Cartaz e vocês nos explicam o que decidimos, porque nos devolvem cheio de carne! Não é possível descobrir Cristo e reconhecê-Lo, a não ser do modo como vimos acontecer esta noite. Quer se trate da Coleta ou do Cartaz, o caminho é o mesmo: somente quem vai atrás da proposta O descobre e se dá conta de que tinha necessidade daquele fato, daquele gesto para poder reconhecê-Lo enquanto acontece. Por isso, nós esperamos o Natal com esse desejo, com essa urgência: vem, Senhor Jesus!

## AVISOS

Escola de Comunidade. Terminado o trabalho sobre o Dia de Início de Ano, vamos retomar o livro *Por que a Igreja* que, como vocês vão ver, é uma continuação quase perturbadora do que nos dissemos nos últimos meses. De fato, o que vimos, também nesta noite? Que participando de um lugar somos introduzidos – como diz o Cartaz de Natal: participando de uma “história particular” – somos introduzidos à verdade de nós mesmos. Para o próximo encontro faremos o terceiro capítulo do livro, “O divino na Igreja”, ou seja, o divino no humano, trabalhando os pontos sobre o magistério ordinário e extraordinário, da página 262 à 270. Nestas páginas Dom Giussani nos diz que a verdade veiculada pela Igreja se comunica por pressão osmótica, participando de um lugar, como vimos: “Vivendo dentro da comunidade eclesial [...], quase por uma osmose contínua [prestem atenção ao ‘quase’, porque não é mecânico!], tais verdades penetram, dia após dia, de maneira incalculável, através da membrana da nossa consciência”. Agora podemos retomar essas palavras, depois do percurso que fizemos durante estes meses, com uma consciência nova, não óbvia. Podemos entender toda a densidade que essas palavras carregam, por causa de todo o trabalho feito. E então entendemos que para participar da novidade cristã é preciso “uma fidelidade”, diz Giussani, “à vida da comunidade eclesial”, na qual se comunica um conhecimento último seguro. Nós não conseguimos conhecer através das nossas análises ou do estudo teológico ou da exegese bíblica, mas através da articulação da vida concreta nos seus gestos. Como diz o Concílio Vaticano II: a Igreja comunica aquilo que recebeu de Cristo, torna-se presente a nós através da doutrina, da vida e do culto – a totalidade da vida da Igreja. Mas há uma condição (é por isso que sublinho o “quase”), dirá mais adiante o capítulo: “A liberdade do homem é condição essencial para a salvação operada pelo mistério cristão”. Para uma pessoa, colocar em jogo a liberdade pode significar ir à Coleta assim como é, para ver o que acontece. Para outra, ir à penitenciária e voltar para casa em silêncio, maravilhado pelo que aconteceu. A pessoa pode fazer as coisas como um esforço ou como um mendicante – sem vontade, como pode acontecer até quando comungamos –, esperando que Ele, por graça, faça o resto.

A próxima Escola de Comunidade será quarta-feira, 24 de janeiro de 2018, às 21h00.

Os meus votos a vocês neste Natal é que se deixem provocar pelo Cartaz e por aquilo que escutamos nesta noite, porque não é óbvio, como vocês viram. Que o Natal seja ocasião para retomarmos a consciência de que somente a história particular iniciada dois mil anos atrás e que nos tocou (através deste lugar ao qual pertencemos, que é o Movimento) é a resposta às necessidades e aos dramas nossos e da sociedade; e a vida nova que nasce desta história é o que temos para oferecer a todos os que encontramos pelo caminho.

Feliz Natal a todos!

*Veni Sancte Spiritus*